



Política Operária

A juventude deve combater o governo golpista de Temer

Triunfaram as forças mais reacionárias, depondo Dilma Rousseff. Temer assumiu o governo golpista que acaba de aprovar uma série de medidas antinacionais e antipopulares. A tarefa da juventude é combater esse governo, rechaçar os cortes de direitos, as privatizações, a entrega das riquezas nacionais ao capital estrangeiro, enfim, se colocar contra toda e qualquer medida de afronta à vida das massas. Em particular, contra o desemprego que entre os jovens beira os 40%, sem perspectivas de melhoras.

É momento de constituir uma frente única. Os explorados, sindicatos, centrais e as correntes de esquerda devem se unir e empunhar a defesa de empregos, salários e direitos. Impor a soberania das massas nas ruas, bloqueando as principais avenidas do país. Ocupar as fábricas que ameacem a demissão e o fechamento. A juventude também deve rechaçar os desvios pequeno

burgueses do *Fora Temer*. Eleições gerais ou a defesa da *Constituinte*. As eleições gerais são igualmente defendidas pelo imperialismo, e expressam a necessidade da burguesia em se reestruturar através de um governo eleito, superando a crise política que se mantém no governo de Temer. Sob o regime burguês, a Constituinte não será imposta pela força das massas mobilizadas, mas uma via para a burguesia desviar o curso da mobilização para a saída parlamentar. Ambas as bandeiras estão no campo da política burguesa. A estratégia de poder do proletariado é o Governo Operário e Camponês. A luta pelas reivindicações concretas dos explorados e oprimidos inevitavelmente levará ao choque com o Estado burguês e tanto maior o choque, com mais força se colocará a necessidade de independência de classe e defesa da estratégia própria de poder dos explorados.

Avança a crise econômica: responder erguendo uma frente única em defesa dos empregos, salários e direitos!

A crise estrutural do capitalismo se manifesta no Brasil com o recrudescimento da recessão. O primeiro trimestre deste ano já registra mais uma queda no PIB (-0,3%), este é o quinto trimestre consecutivo em queda. Somente em 2015, a economia retrocedeu 3,8%. As massas sentem o peso da crise econômica com o aumento do desemprego. As estatísticas burguesas registram 11,4 milhões de desempregados, somente de fevereiro a abril deste ano o desemprego aumentou 18,6%. A queda na produção, o aumento nos preços de alimentação, combustível e tarifas afeta a classe operária e a pequena-burguesia empobrecida. O reajuste do salário mínimo não cobre a inflação. Para responder à crise, o governo usurpador de Temer já anunciou medidas de maior ataque à vida dos explorados.

O governo golpista de Temer já apresentou um pacote de medidas como cortes da saúde, educação e privatização da previdência como meio para saída da crise, ou seja, a resposta da burguesia à crise é de aumento da opressão. A reforma de previdência significa praticamente a extinção da aposentadoria, com aumento da idade mínima e tempo de contribuição para aposentar. O corte de verba em serviços de direitos básicos garantirá o superávit primário, pagamento dos juros bilionários



da dívida pública. Nem as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) serão aplicadas. A previsão de destinação gradativa de um percentual do PIB para a educação, que ia de 7% a 10%, de 2014 até 2017 cairá por terra com a volta da Desvinculação de Receitas da União (DRU), anunciada por Temer – que garante ao governo passar por cima da Constituição que determina o limite fixo destinado à educação e saúde. Apesar da continuidade da crise política, ao redor dos ataques à vida das massas a burguesia se centraliza.

A Corrente Proletária/POR defende a constituição de uma frente única de luta dos explorados em defesa do *emprego, salário e direitos* (trabalhistas, educação, saúde) que estão sendo atacados pelo governo Temer. Assim, combateremos as medidas antipopulares e antinacionais do governo usurpador sob a independência de classe. Não será nas urnas que defendemos nossas condições de vida.

Será com a política e os métodos de luta da classe operária que combateremos a miséria capitalista, com ação direta – greves, ocupações, manifestações de rua tomar as ruas em defesa das nossas condições de vida. *Nenhuma ilusão nos governos burgueses! Pela Independência de classe sob a estratégia de poder da classe operária – governo operário e camponês!*

Fortalecer o movimento dos franceses impulsionando as nossas greves

Os setores de transporte terrestre, pelo mar e aéreo, o setor nuclear e petrolífero da França paralisam contra a reforma trabalhista. O governo fala em flexibilizar para combater o desemprego, mas esse argumento é uma falácia, basta ver as medidas de flexibilização no Brasil que nunca estancaram as demissões e o desemprego segue em massa. Os franceses se mobilizam pelos mesmos elementos que também nos atingem, visto os ataques do governo brasileiro aos direitos trabalhistas, previdenciário e o corte de verba nos setores de serviços. Fortaleceremos o movimento dos franceses deflagrando nossas greves, erguendo uma frente única para tomar e bloquear as ruas em defesa dos empregos, salários e direitos. Esse movimento reforça a carência da organização mundial e



a necessidade de reconstruir a IV Internacional, que organize as diversas lutas que se erguem pelas mesmas reivindicações, mas não se unificam por que padecem da crise de direção. A superação do capitalismo requer a unidade internacional da classe operária.

Comissão Eleitoral passa por cima da democracia estudantil no IFSP de Caraguatatuba

A eleição à direção do Diretório Acadêmico (DA) ocorreria em novembro do ano passado, segundo estatuto. Porém, somente no começo de abril foi aprovada em assembleia a comissão eleitoral, encarregada de organizar o calendário e o regimento eleitoral (“código eleitoral”). O prazo de inscrição ficou bem apertado, sendo feitas às pressas, resultando na inscrição de apenas uma chapa: “Viraliza”.

A comissão eleitoral deu posse a “Viraliza”, sem cumprir com todo o processo eleitoral. Alegando ser chapa única. Os favoráveis ou contrários à chapa não puderam expressar sua posição, ainda que pelo voto. A democracia estudantil foi golpeada duramente por uma minoria, que arbitrariamente descumpriu o que foi decidido em assembleia pela maioria. A chapa que se submeteu a essa conduta autoritária já demonstra que não está a serviço da luta pelas reivindicações mais sentidas pelos estudantes, que só pode estar sustentada pela mais ampla democracia.

É dentro deste contexto que a Corrente Proletária Estudantil denuncia este golpe à democracia estudantil e defende a importância de ocorrerem os debates e apresentações dos programas das chapas inscritas. Que coloquemos em discussão os problemas reais, que se estabeleça um programa de reivindicações e que por ela lutemos ao longo do ano. Por um restaurante universitário! Por uma moradia para todos! Por um passe livre municipal! E por um DA combativo e independente da burocracia!

USP: unificar de fato a greve de estudantes, funcionários e professores por meio da Assembleia Geral Universitária

A greve na USP se soma à greve na Unicamp e Unesp. Os funcionários se levantam principalmente contra o arrocho salarial (reitoria ofereceu 3%), os docentes pela carreira e salário e os estudantes aprovaram reivindicações genéricas (cotas, permanência e contratação), na prática existe apoio à greve, mas passiva.

A massificação da greve, necessária para derrotar a reitoria e o governo, depende da incorporação ativa dos estudantes, que

Continuar a luta pela permanência estudantil na Unifesp de Guarulhos

A Corrente Proletária Estudantil continua a realizar campanha pela permanência estudantil, contra a evasão e o privatismo na Unifesp de Guarulhos. Há um histórico de luta com conquistas concretas a exemplo do bandeirão, aumento de bolsa-auxílio, transporte universitário, a construção do prédio da Universidade e sua permanência no Bairro do Pimentas que precisa ser lembrado e dar continuidade à luta. A mais recente conquista impôs uma derrota ao setor de professores elitistas e à burocracia que em 2012 fizeram ampla campanha pela retirada do campus de Humanidades da periferia da cidade. O PT/PSOL/PSTU foram contra o método da democracia das assembleias, a ação direta e coletiva, principalmente a greve com ocupação que venceu o governo e a reitoria. Em 2015, uma medida de corte praticado pela reitoria e o MEC pôs fim ao transporte universitário. Em 2016, a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) anunciou que não abrirá mais inscrições para a bolsa-auxílio PBP, exclusiva para estudantes dos cursos de período integral. Esses ataques, que são gerais (parte do ajuste fiscal), impõem que o movimento da Unifesp de Guarulhos volte a se organizar e se ponha em luta pelas reivindicações ainda pendentes: moradia, creche, transporte etc.

virá por meio das reivindicações concretas (aplicação da lei das cotas, devolução dos blocos K e L para moradia, reabertura das creches etc.). A luta pelas reivindicações concretas leva à luta contra a reitoria. Dessa experiência surgirá a necessidade de destruir o reitorado, cuja política irreversível de cortes está em oposição às necessidades de quem estuda e trabalha. Sua superação se dará pela implantação do Governo Tripartite, que aplicará o orçamento elaborado pela Assembleia Geral Universitária.

USP: Que a reitoria cumpra o acordo com o movimento de Ocupação da SAS

Reitoria descumpra acordo judicial e não cria a Comissão Autônoma para apurar os casos de agressão no CRUSP (Conjunto Residencial da USP), nomeando as professoras e funcionárias, ao invés de serem indicadas pelo movimento, além de criar um cargo de presidente da comissão atribuída a uma das professoras, o que ratifica o poder de decisão à burocracia. Também não apresentou a lista das creches conforme o exigido pelo juiz. O prédio da Superintendência de Assistência Sociais (SAS) da USP foi ocupado por 36 dias para defender as mulheres das agressões sofridas e pelo direito à maternidade, por meio de creche e moradia às mães. Desde o início, o movimento se chocou com a burocracia que acoberta os agressores e é responsável pelo fechamento de vagas na creche. A ocupação se encerrou, mas a luta deve se manter. Essa ocupa-



ção, pelos seus métodos e reivindicações, se opôs à política do feminismo burguês e pequeno burguês. A opressão a mulher como manifestação da opressão de classe deve ser combatida no campo da luta de classes, com seus métodos próprios (ocupação, organização por meio das plenárias e assembleias etc). Na prática esse movimento combateu a teoria de gênero ao ser erguido e sustentado desde o início por mulheres e homens. Somente no campo das ideias os homens são “potencialmente opressores”. Do ponto de vista ma-

terial ele deve estar ao lado da mulher na luta conjunta contra a opressão que recai sobre ela, pelo direito de não ser violada, pelo direito de ser mãe e pelo direito à moradia e contra a burocracia que permite a violência de diferentes naturezas à mulher dentro da universidade.

Debate na escola Edna Alvares Barbosa: opressão sobre a mulher

Em 31 de maio, realizou-se um debate numa escola estadual em Itaquaquecetuba sobre a opressão à mulher, organizado pelo grêmio e apoiado pela direção da escola. Compareceram especialmente estudantes do EJA. Uma militante do POR foi convidada para participar do debate. Inicialmente expôs-se a forma como a opressão incide sobre a mulher, por meio da desigualdade salarial, do desemprego, da dependência ou semi-dependência da mulher em relação ao homem (pai ou marido), da dupla ou tripla jornada e da violência física. Na sequência, se caracterizou essa opressão como manifestação da opressão de classe, explicando que a sociedade é dividida em classes sociais, tendo a burguesia como a proprietária dos meios de produção e o proletariado como os que sobrevivem vendendo sua força de trabalho em troca de um salário. O Estado burguês se desonera das obrigações com as tarefas domésticas, que deveriam ser assumidos coletivamente por meio de restaurantes e lavanderias coletivas, ou mesmo a criação dos filhos e confere à mulher assumi-las individualmente. A mulher na condição de dependente ou semidependente do homem tem a sua sobrevivência e a de seus filhos vinculada ao salário do marido.

Quanto à violência física, foi dito que ela é sobretudo doméstica, cometida por atuais ou antigos parceiros. Acrescentou-se que o Brasil é um dos países com maior índice de violência contra a mulher e é também onde existem as duas maiores leis de proteção à mulher: Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio. Foi dito que essa contradição só se explica do ponto de vista concreto das relações de dependência da mulher ao homem. Se toda mulher estivesse empregada, recebendo um salário que atendesse a todas as suas necessidades, teria condições de não se submeter a tal situação. Quanto às leis, o Estado não aplica porque do contrário se confrontaria com a instituição familiar, um sustentáculo do capitalismo. Foi dito que, na prática, não há lei, delegacia, secretaria ou departamento específico que

proteja a mulher no capitalismo. Sua libertação está determinada pela revolução proletária.

Na sequência, foi dado um breve informe da Ocupação da SAS na USP em defesa das mulheres do CRUSP contra as agressões e pelo direito à maternidade. O valor dessa experiência está nas suas reivindicações concretas e no método de luta, que deveriam ser assumidos por todos ali presentes. Foi avaliado que a situação da mulher e de todos os explorados e oprimidos tende a piorar na atual crise econômica, visto a reforma da previdência, que aumenta o tempo de contribuição das mulheres, os cortes da educação, saúde, a aprovação da lei da terceirização, as maiores restrições ao seguro desemprego. Que não se pode cair no desvio do Fora Temer ou Volta Dilma. O impeachment foi dado e para os explorados nada mudou, porque se trata de um instrumento da própria burguesia para resolver seus conflitos internos. A tarefa é se organizar e tomar as ruas em defesa das reivindicações que defendem a vida do trabalhador: emprego, salário e direitos. Foi dito que esse estado de coisas é comum a todos os países, porque se trata de uma crise estrutural do capitalismo, um modo de produção que se decompõe, basta ver as demissões em massa, a retirada de direitos, a destruição da juventude, as tendências bélicas que se disseminam mundialmente. Por fim, foi dito que não há diferença em essência dos atuais partidos que disputam as eleições, são partidos burgueses ou pequeno burgueses. Nenhum deles é o partido da classe operária. Os operários já estiveram altamente organizados em seus partidos mundiais - as Internacionais Comunistas - na Rússia havia o partido Bolchevique. Os operários precisam voltar a se organizar com independência de classe. No Brasil existe o POR, embrionário, mas defensor do programa da classe operária. Os explorados e oprimidos devem fortalecer o POR e tomar em suas mãos a tarefa de mudar a realidade, com a revolução proletária.



A partir desse número do Boletim Nacional Estudantil publicaremos, em algumas partes, o artigo de Lenin: *As Tarefas da Juventude Revolucionária*, escrito em 1903 no *Jornal Student*. O artigo, sob o subtítulo *Primeira Carta*, discutirá a existência entre os estudantes de divisões em diferentes agrupamentos, que expressarão as diferentes classes sociais. Os estudantes não conformam uma classe, mas manifestam os antagonismos provenientes das relações entre as classes sociais existentes. Nesse momento, é importante darmos a devida atenção à categoria dos CULTURALISTAS, devido à rápida disseminação dessa prática dentro do movimento estudantil. Um agrupamento que tem por finalidade promover atividades culturais no interior do movimento como forma para se alcançar as mudanças, é por essência idealista e se nega a conceber as transformações sociais por meio da luta de classes. O CULTURALISMO é uma conduta praticada pelos reformistas e centristas, que se agarram à “cultura” e a “educação” em abstrato, como se tivessem poderes de modificar por si mesmas a relação de exploração e opressão. Ocorre que o caráter abstrato é parte da idealização, de modo a subtrair o conteúdo de classe burguês. A “cultura” é a da classe dominante e a educação é a determinada pela classe dominante. O CULTURALISMO serve unicamente para desviar a juventude de seu curso revolucionário.

Primeira Carta

A declaração da redação do jornal *Student*, publicada pela primeira vez, se não nos enganamos, no nº 4 (28) da *Osvobodjénie* e recebida igualmente pelo *Iskra*, testemunha, em nossa opinião, um passo em frente dado nas concepções da redação depois da saída do nº 1 do *Student*. O Sr. Struve não se enganou quando se apressou a declarar o seu desacordo com as opiniões expostas na declaração: estas opiniões, de fato, diferem radicalmente da corrente do oportunismo a que tão consequente e zelosamente se agarra o órgão liberal-burguês. Reconhecendo que “apenas um sentimento revolucionário não pode criar a unidade ideológica dos estudantes”, que “para este objetivo é necessário um ideal socialista, que se apoie numa ou noutra concepção socialista do mundo”, e além disso numa concepção do mundo “definida, integral”, a redação do *Student* rompeu já no campo dos princípios com a indiferença ideológica e o oportunismo teórico, colocando numa base correta a questão dos meios de revolucionar os estudantes.

É verdade que do ponto de vista corrente do “revolucionarismo” vulgar, a unidade ideológica dos estudantes não exige uma concepção do mundo integral, antes a exclui, a unidade ideológica significa uma atitude “tolerante” para com diferentes tipos de ideias revolucionárias, significa a renúncia a reconhecer decididamente um qualquer círculo determinado de ideias, numa palavra, unidade ideológica, do ponto de vista destes sábios da politiquice, pressupõe uma certa ausência de princípios ideológicos (é claro, ocultada mais ou menos habilidosamente pelas fórmulas gastas da largueza de opiniões, da importância da unidade a todo o custo e imediatamente, etc., etc.). Um argumento bastante plausível e, à primeira vista, muito convincente que é sempre apresentado a favor deste modo de colocar a questão é apontar para o fato do conhecimento geral e indiscutível de que entre os estudantes há e não pode deixar de haver grupos completamente diferentes quanto às suas opiniões político-sociais, e por isso a exigência de um caráter integral e definido das concepções do mundo afastará inevitavelmente alguns destes grupos; conseqüentemente, estorvará a unidade, conseqüentemente, enfraquecerá dissensões em vez de um trabalho concertado, conseqüentemente, enfraquecerá a força do avanço político comum, e assim sucessivamente, sem fim.

Examinemos este raciocínio plausível. Tomemos, por exemplo, a divisão dos estudantes em grupos no nº 1 do *Student* — neste primeiro número a exigência de uma concepção do mundo definida e integral ainda não era avançada pela redação, da qual seria por isso difícil de suspeitar de parcialidade para com a “estreiteza” social-democrata. O editorial do nº 1 do *Student* distingue entre os estudantes atuais quatro grandes grupos:

1. “A multidão indiferente” — “pessoas que têm uma atitude perfeitamente indiferente em relação ao movimento estudantil”;
2. “Os acadêmicos” — partidários de movimentos estudantis numa base exclusivamente acadêmica;
3. “Os adversários dos movimentos estudantis em geral — nacionalistas, anti-semitas, etc.”;
4. “Os políticos” — partidários da luta pelo derrubamento do despotismo czarista. “Este grupo, por sua vez, é composto por dois elementos opostos — pela oposição política puramente burguesa de espírito revolucionário e por uma criação dos últimos dias (só dos últimos dias? N. Lenin), o proletariado intelectual revolucionário de espírito socialista.”

Se se tiver em atenção que o último subgrupo se divide por sua vez, como toda a gente sabe, em estudantes socialistas-revolucionários e estudantes sociais-democratas, verifica-se que entre os estudantes atuais existem seis grupos políticos: reacionários, indiferentes, acadêmicos, liberais, socialistas-revolucionários e sociais-democratas.

Pergunta-se: este agrupamento não será accidental? Esta repartição de estados de espírito não será temporária? Basta fazer diretamente esta pergunta para que qualquer pessoa minimamente conhecedora do assunto lhe dê imediatamente uma resposta negativa.

E nem poderia haver outro agrupamento entre os nossos estudantes, porque eles são a parte da intelectualidade que mais sensivelmente reage, e a intelectualidade chama-se intelectualidade porque é a que mais conscientemente, mais decididamente e com mais precisão reflete e exprime o desenvolvimento dos interesses de classe e dos agrupamentos políticos em toda a sociedade. Os estudantes não seriam o que são se o seu agrupamento político não correspondesse ao agrupamento político em toda a sociedade — “correspondesse” não no sentido da completa proporcionalidade dos grupos estudantis e sociais quanto à sua força e número de membros, mas no sentido da existência necessária e inevitável entre os estudantes dos grupos que existem na sociedade. E de toda a sociedade russa, com o seu desenvolvimento (relativamente) embrionário dos antagonismos de classe, com a sua virgindade política, com as suas vastas e vastíssimas massas da população embrutecidas e esmagadas pelo despotismo policial, são característicos precisamente esses seis grupos: reacionários, indiferentes, **culturalistas**, liberais, socialistas-revolucionários e sociais-democratas. Em vez de “academistas” pus aqui “culturalistas”, isto é, partidários do progresso legal sem luta política, do progresso no terreno da autocracia. Tais culturalistas existem em todas as camadas da sociedade russa, e em toda a parte eles, tal como os “academistas” estudantes, se limitam a um pequeno círculo de interesses profissionais, à melhoria de determinados ramos da economia nacional ou da administração estatal e local, em toda a parte eles se afastam medrosamente da “política”, sem distinguir (como os acadêmicos não distinguem) os “políticos” de diferentes orientações e chamando político a tudo o que diz respeito à... forma de governo. A camada dos culturalistas sempre foi e é até hoje a ampla base do nosso liberalismo: em tempos “pacíficos” (isto é, traduzindo para “russo”, em tempos de reação política), os conceitos do culturalista e do liberal coincidem quase completamente, e mesmo em tempos de guerra, em tempos de ascenso do ânimo social, em tempos de ataque crescente à autocracia, a diferença entre estes conceitos permanece muitas vezes vaga. O liberal russo, mesmo quando intervém publicamente numa publicação estrangeira livre com um protesto direto e aberto contra a autocracia, nem por isso deixa de se sentir em primeiro lugar um culturalista, e de vez em quando põe-se a discorrer como um escravo, ou, se quiserem, de maneira legal, leal, como um súdito fiel: veja-se a *Osvobodjénie*.

A ausência de uma delimitação definida e claramente visível por todos entre os culturalistas e os liberais é, em geral, característica de todo o agrupamento político da sociedade russa. Poderiam dizer-nos, talvez, que a divisão atrás mencionada em seis grupos é incorreta, pois ela não corresponde à divisão de classes da sociedade russa. Mas tal objeção não teria fundamento. A divisão de classes é, naturalmente, o fundamento mais profundo do agrupamento político; **é ela que em última análise** determina sempre, naturalmente, este agrupamento. Mas este fundamento profundo só se revela no curso do desenvolvimento histórico e à medida que cresce a consciência dos participantes e criadores deste desenvolvimento. Esta “última análise” só se atinge pela luta política — por vezes como resultado de uma luta longa, tenaz, medida em anos e décadas, ora manifestando-se tempestuosamente em diferentes crises políticas ora amainando e como que se detendo no tempo. Não é por acaso, por exemplo, que na Alemanha, onde a luta política assume formas particularmente agudas e onde a classe avançada — o proletariado — é particularmente consciente, existem ainda partidos (e partidos poderosos), como o centro, que oculta com um distintivo religioso o seu conteúdo de classe heterogêneo (mas no geral incondicionalmente antiproletário). Tanto menos nos podemos admirar por a origem de classe dos grupos políticos atuais na Rússia ser obscurecida em elevado grau pela falta de direitos políticos de todo o povo, pelo domínio sobre ele de uma burocracia notavelmente organizada, ideologicamente coesa, tradicionalmente fechada. É antes preciso admirarmo-nos por ser tão forte a marca que o desenvolvimento europeu-capitalista da Rússia, apesar do seu sistema político asiático, já conseguiu imprimir no agrupamento político da sociedade.